ESTUDOS SOBRE A CIDADE E A ARTE URBANA

Hip Hop: Um respiro em meio ao Cinza

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO TECNOLÓGICO
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Autora: Julia Milan da Silva
Orientador: Rodrigo Gonçalves
2018.1

Este trabalho se constitui em um estudo sobre a cidade e a arte urbana, tendo como recorte as manifestações artísticas vinculadas à cultura Hip Hop e a cidade de Florianópolis. A partir de uma leitura crítica sobre os mecanismos de espetacularização e segregação urbana que compõe as cidades contemporâneas verifica-se a necessidade de valorização dos instrumentos de resistência que contrariam esta lógica hegemônica de ocupação dos espaços. Por isso, este trabalho traz as práticas artísticas do RAP, Breaking , Graffiti, enquanto ferramentas para o uso e a apropriação do espaço público de forma a incentivar a democratização dos mesmos, e a possibilidade de autonomia por parte dos usuários.

Com este trabalho espero disseminar o conhecimento sobre a cultura Hip Hop, valorizando esta forma de manifestação artística e contribuir para uma leitura mais sensível sobre a cidade e seus mecanismos de repressão social.

1. A CULTURA HIP HOP

DÉCADA DE 70
|
BRONX - NOVA YORK → Plano de desenvolvimento urbano - Robert Moses. Construção da via expressa Cross Bronx Expressway
|
COMUNIDADE NEGRA E LATINA → Ressaca dos movimentos contra culturais dos anos 60. Black Panthers. Martin Luther King. Malcom X
|
DESESPERANÇA → Organização social através de gangues - Restrição do território urbano. Violência!

O Hip Hop surge como um movimento artístico de jovens negros e latinos que viviam na periferia de Nova York no distrito do Bronx, na década de 70, e é composto por diferentes manifestações, mas, que juntas constituem uma cultura específica, complementar e integrada, que atua nos costumes, hábitos, vocabulário e vestuário.

Cria uma forma de ver o mundo com base na luta por direitos igualitários e valores, como a paz, amor, união, respeito, conhecimento e humildade, ou humanidade. Torna-se cultura porque possui uma grafia, indica um comportamento, propõe simbologias e práticas sociais próprias, neste caso, vinculadas à rida urbana.

A partir da final da década de 70 e início dos anos 80, essa cultura ganha o mundo a partir da mídia, chega ao Brasil, e rapidamente é apropriada pelas comunidades periféricas, que se identificam e percebem naquelas formas de expressão artística um caminho para falar sobre sua condição, sua relação com a com a sociedade, e uma possibilidade de se colocar na cidade e resistir.

A cultura hip hop não foi, e não é a solução para os problemas sociais e econômicos do Bronx, e nem das periferias de modo geral, a segregação urbana e social é uma questão estrutural, que nasce na base do capitalismo, e não podem ser modificadas sem uma reestruturação geral do sistema político e econômico. **Porém, os elementos do Hip Hop funcionam, ainda hoje, como mecanismos de resistência e de luta contínua, sobrevivendo na busca de um respiro em meio ao cinza.**

CINCO ELEMENTOS:

O DJ (Disc Jockey), é quem compõe a música, mescla os ritmos através de discos criando uma nova composição musical a partir das gravações já existentes, naquele momento histórico foi responsável pela criação de um novo estilo musical chamado Break Beat, onde ao mesclar dois discos ele sempre repetia a parte instrumental dos faixas, esta parte instrumental é chamada de Break Down, ao mesclar-lo é repetí-lo vários vezes surge uma nova frase instrumental, com um ritmo frenético e sem fim.

O Bboy/Bgirl, são os bailarinos ou as bailarinas, e representam a dança a partir de movimentos frenéticos que reverberam no corpo, ao som lançado pelo DJ. Vem daí a codinome Bboy, que é uma abreviação de Break Boy referenciando à Break Down da música, a parte mais dançada por eles. Os Bboy são os responsáveis pela criação de um novo estilo de dança chamado de Breaking, que é composta por movimentos rápidos, acrobáticos e extremamente musicais, explorando planos alto, médio e principalmente baixo, em contato com o chão.

O MC, é a mestre de cerimônia, o responsável pela festa, quem dá voz ao acontecimento, além de ser quem levanta, conduza a festa, como um papel de apresentador é também um poeta. Os MC's criavam poesias rimadas que falavam sobre a festa, sobre a hip hop, integrante do grupo, sobre o bairro, sobre o seu dia-a-dia, e a sua diversidade. Neste processo surge o estilo musical RAP (Rythm and Poetry - Ritmo e Poesia) a partir das rimas feitas pelos MC's em cima dos bases propostas pelos DJ's.

O Graffiti Writer, é o escritor de graffiti, está em um campo associado a pinturas, se expressa geralmente a partir de palavras, personagens ou frases desenhadas nas paredes, com uma tipologia específica que carrega a identidade de cada graffiteiro, é a partir deste período, com o surgimento da tinta em spray, que nasce este novo estilo de arte visual chamado de graffiti. Expressado que surge composto a cenário urbano onde ocorriam estes eventos e encontros dos elementos da cultura hip hop.

CONHECIMENTO

A Origem, no Bronx.

Nos tempos atuais, em Florianópolis.

2. O OLHAR PARA A CIDADE

Atualmente vemos uma grande tendência na criação de arquiteturas que contém um caráter "espetacularizado" e consequentemente segregativo, e esses objetos urbanos acabam criando espaços restritos no território da cidade.

Desta forma, faço uma leitura da cidade a partir de dois pontos de vista, como numa bincadeira de chinco e meio, quando olha para duas imagens que compõe um mesmo ambiente, e veja: (a) a cidade espetacular, outra, (b) a cidade crua.

A **cidade espetacular** é estática!
Se faz de belas imagens, e cenários, ambientes higienizados e padronizados para o consumo de um estilo de vida predeterminado e global, que contém um padrão social e estético, é uma cidade que define a utilização dos espaços criando o interesse do mercado, e com isso limita e determina as interações humanas relacionadas aos espaços e usuários.

A **cidade crua** é feita de movimento!
Nesse ambiente se faz presente a diversidade. É onde veja a cidade em fluxo, onde está as pessoas em movimento, e por isso, é onde as trocas e as relações inter-humanas acontecem, ou podem acontecer. Se shua entre os objetos espetacularizados que descrevi anteriormente, ofta para as vazios deixados por aquelas chaios, e veja uma malha crua. E é a partir de aí que se inserem as manifestações de Arte Urbana.

Estes dois segmentos da cidade, refletem a **segregação urbana** na divisão dos espaços e é o portrait inicial para essa "arquitetura do isolamento" que tenta atualmente nas grandes cidades, que vêm mas pessoas sofrer o preconceito da mesmo e da exclusão. A segregação urbana desenha especialmente o conflito político/econômico de classes que se traduz na luta pelo território urbano.

"O que vai caracterizar esta cidade dividida é por um lado a privatização da vida burguesa e por outro o contraste existente entre este território do poder e do dinheiro e o território popular. " ROLNIK, Raquel (1988)

"A história da segregação espacial se liga à história do confinamento da família na intimidade do lar, que, por sua vez, tem a ver com a morte do espaço da rua como lugar de trocas cotidianas e espaço de socialização. " ROLNIK, Raquel (1988)

"Quando uma sociedade aumenta a tecnologia que suprime as distâncias geográficas, produz outras tipos de distâncias, as distâncias interiores. " DEBORD, Guy (1931 – 1994)

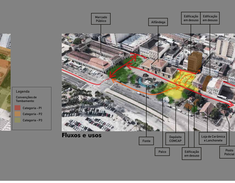
"(...) arte crítica é a arte que fomenta dissensos, que torna visível o que o consenso dominante tenta obscurecer e esquecer. Esta é constituída por uma série de práticas artísticas que buscam dar voz àqueles que foram silenciados pela estrutura da hegemonia existente. " MOUFFE, Chantal (2007)

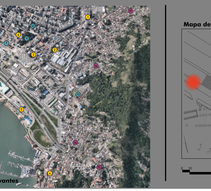
A **arte na/do espaço urbano** coloca-se no ambiente como discurso crítico, e como corpo ativo, revelando as contradições e conflitos políticos/sociais presentes na cidade.

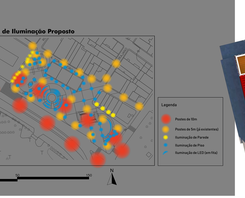
As manifestações artísticas podem conter maior ou menor grau de interação crítica, porém apenas pelo fato de inserir-se no espaço público, provocam surpresas, invertem a ordem, incitam a possibilidade de atração dos corpos naquele ambiente.

4. LEITURA URBANA

LOCALIZAÇÃO







3. ESTRUTURA DA PROPOSTA:

ESCALA DA CIDADE

Diretriz de Projeto:
Abordar o quinto elemento da Cultura Hip Hop - **O Conhecimento.**
A partir de três escalas de intervenção, indica a proposição de uma rede de equipamentos que deem suporte às práticas artísticas vinculadas à cultura Hip Hop no Ilha:

Escala 1: Transbordo
Construção de Conhecimento a partir da Arte/Educação
ARTECS CENTRO DE ARTES URBANAS FLORIANÓPOLIS

Escala 2: Permanente
Construção de Conhecimento a partir de práticas efemeras e experimentações
Rodrigo Gonçalves
Escola Cidade Pública

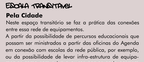
Escala 3: Transitória
Distribuição de Conhecimento a partir de Equipamentos/ apropriações
Cultural - CENTRO CONVENTO
Cultura Popular

Encaro essa rede de equipamentos, que se estende por todo o território da cidade, sobre o Hip Hop, como um ponto de partida para a minha proposta!
Entretanto, não me detalhar em projeto estas três escalas, apenas um equipamento da escala 2 - Ocupação Permanente, pretendo inserir-lo em meu local de intervenção: O Largo da Alfândega!
Ao escrever este trabalho, ainda estou em processo de pesquisa e de reflexão, mas que pretendo valorizar e qualificar estas mobilidades de ir e chegar em diversos limites da construção de conhecimento.

REDE DE EQUIPAMENTOS

ESCALA PERMANENTE:
Agenda - Centro de Artes Urbanas [Itacorubi]

O Agenda é um espaço localizado no bairro do Itacorubi que foi inaugurado em Julho de 2017, dirigido por duas artistas urbanas – graffiteiras de Florianópolis, Manoel Cavalcante (Gugei) e Sara Duarte (Seri).
E tem como objetivo ser "A casa da rua", um espaço voltado para a prática e ensino da arte urbana, onde os artistas possam reunir seus trabalhos, se encontrarem e conectarem.
Identifica este espaço na meu projeto como o equipamento da escala permanente que permite a construção do conhecimento sobre o Hip Hop tendo em vista que o centro cultural oferece oficinas e eventos de diversas modalidades artísticas da cultura hip hop.



ESCALA TRANSITÓRIA:
Pela Cidade

Neste espaço transitório se faz a prática das conexões entre esses nós de equipamentos.
A partir da possibilidade de percursos educacionais que passam ser ministrados a partir das oficinas do Agenda em conexão com escolas da rede pública, por exemplo, ou da possibilidade de levar infra-estrutura de equipamentos como som e luz a outros pontos onde ocorrem eventos urbanos.
Idealiza um dispositivo móvel como um ônibus adaptado para essa prática que possa percorrer a cidade e conectar fisicamente as artistas urbanas e as práticas artísticas que se fazem presentes em toda a Ilha e continente.
O ônibus traz a lógica de que a Arte Urbana não tem um lugar único e específico de atuação, é efêmera e transitória, além de referenciar o origem da prática artística do graffiti, quando os metrô eram pintados na Bronx com a intuito de levar uma mensagem para a resto da cidade.
Por tanto, a possibilidade de levar o conhecimento para outros espaços e outras e comunidades que os eventos ainda não alcançaram.

ESCALA TEMPORÁRIA:
Largo da alfândega [Centro], Praça Saint-Exupéry [Campeche], Trapiche [Canasvieiras]

Nestes espaços ocorrem batalhas de RAP da Ilha/oeste na cidade, a Batalha da Alfândega, Batalha do Norte (Campeche) e Batalha do Centro (Canasvieiras).
Ocupam espaços públicos que geralmente não possuem uma infraestrutura mínima, como luz, som, água e banheiro.
Por isso, busco propor um equipamentos em estruturas de containers que possam servir de apoio para esses acontecimentos. Além de possibilitar a fixação de um ponto de venda e distribuição de artigos vinculados a cultura hip hop, como produção musical dos (as) MC's, quadras e demais produções de graffiti, e outros. Um espaço para a distribuição e apropriação deste conhecimento construído com e sobre a cultura Hip Hop.
Que possa também abrogar outras modalidades de arte urbana.
Gostaria que os containers sejam vistos como um modelo que possa ser aplicado em outros espaços de interesse da Ilha.

Foto: Batalha da Alfândega no Dia Internacional da Mulher